

BAIRRO: UMA HISTÓRIA E UM IMAGINÁRIO PRESENTE

Lúcia Regina Corrêa Monteiro

Vivemos um tempo que exige sem parar o inédito, o sensacional, o exótico ou, simplesmente, o diferente e o novo. Talvez, pelas exigências do *fin-de-siècle*, se tome cada vez mais difícil ver, interpretar, compreender a riqueza da cotidianidade que está próxima de nós. Foi com esta pretensão que reunimos a aparente *banalidade* do cotidiano, os recursos metodológicos para estudar o imaginário social e os *fragmentos habituais*¹ da cidade e do bairro de Irajá.

Buscamos uma amostragem do imaginário social em Irajá através de um questionário respondido por moradores fixados há mais de quinze anos no bairro.² Com este instrumento temos verbalizações interessantes e reveladoras de sentimentos e expressões sobre o mesmo. As experiências de história oral, de história cultural, de cidade polifônica são importantes naquele cotidiano tão cheio de representações e simbologias. Ecléa Bosi registra a propósito da riqueza do testemunho oral e suas possibilidades:

*Cada geração tem, de sua cidade, a memória de acontecimentos que são pontos de amarração de sua história. O caudal de lembranças correndo sobre o mesmo leito, guarda episódios notáveis que já ouvimos tantas vezes de nossos avós (...) Mas a memória rema contra a maré; o meio urbano afasta as pessoas que já não se visitam, faltam os companheiros que sustentaram as lembranças e já se dispersaram. Daí a importância da coletividade no suporte da memória (...). Fica-nos a história oficial: em vez da envolvente trama tecida a nossa frente, só nos resta virar a página de um livro, unívoco testemunho do passado. A memória oral é fecunda quando exerce a função de intermediário cultural entre gerações.*³

SOBRE O CONCEITO DE CIDADE.

Raquel Rolnik⁴ faz a metáfora sugestiva

da cidade ou espaço urbano como uma espécie de *escrita*, um texto que se lê. Esta metáfora permite dizer, simbolicamente, que a cidade tem significados *para além* de se viver nela, da mera relação funcional, do planejamento da *régua e compasso*, do desenho configurativo da cidade. Cidade constituiria, na verdade, um texto *intraduzível* por uma única interpretação: ela é *polissêmica, policrônica e polifônica*. A escrita da cidade, ao mesmo tempo que é onipresente diante de nossos olhos e *lida* a toda hora, ela é introspectiva e guarda para si a chave de seu segredo.

Podemos contrapor alguns conceitos para compreendemos a *leitura da cidade*:

*Cidades são 'arenas culturais', campo de significações, tempo produto e produtor de ações, dos atores urbanos.*⁵

*Cidade possui uma teatralidade (...) Ela é o espaço amplo, cheio de possibilidades por suas 'interseções', passagens, desvios, becos sem saída, 'ruas de mão única'.*⁶

*As cidades desenvolvem suntuosamente uma linguagem mediante duas redes diferentes e superpostas: a física (multiplicidade e fragmentação - forma e função) e a simbólica (que ordena e a interpreta).*⁷

*Cidade entendida como uma arquitetura (...) a construção da cidade no tempo (...) cresce, sobre si mesma; adquire consciência e memória de si própria.*⁸

Nesse repertório de conceitos observamos o privilégio dado às representações e diferentes interpretações da cidade, em detrimento da forma e função, que apesar de concretas não são determinantes para entendermos a totalidade urbana na sua historicidade. A cidade não é apenas *objeto de estudo*: ela faz parte da tessitura social, isto é, interfere na trama, se transforma ou, de forma camaleônica, se mistura com esta. Como Aldo Rossi destaca, ela é *capítulo da história da*

cultura, e pelo seu caráter global um dos capítulos principais.⁹

É também considerando que não podemos pensar na cidade *sem signos* que trabalhamos o seu modo verbal (representação do sistema socio-econômico e cultural em que vivemos) e o seu modo não-verbal: a paisagem, a arquitetura, a comunicação visual, a sinalização, o transporte coletivo, a atividade doméstica etc. O texto não-verbal acompanha nossas observações pela cidade, produz, completam e alteram a nossa capacidade de perceber e de registrar essas informações. A imagem da cidade se torna um espetáculo.¹⁰

Aldo Rossi escreve que a cidade

(...) é a soma de muitas partes, bairros e distritos que são muito diferenciados nas suas características formais e sociológicas (...) é uma criação nascida de numerosos e diferentes momentos de formação; a unidade destes momentos é a unicidade urbana no seu conjunto.¹¹

Neste sentido de unicidade junto à complexidade das partes que a compõem, é que pretendemos contribuir ao procurarmos apreender o bairro ou *um bairro* especial de estudo, um estudo de caso.

*La vida cotidiana, en el marco urbano en que se establece bajo presión de las relaciones sociales y del orden existente, puede metamorfosearse y servir a la aparición de una vida distinta! Pero en ese marco, y sólo en ese marco, del que no puede separarse! ...*¹²

BAIRRO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.

O bairro é um referencial direto e decisivo, pois define territorialmente a base social de um ativismo, aglutinando grupos e, por vezes, classes sociais diferentes, em níveis variáveis de acomodação e tensão. Ele catalisa a referência simbólica e o enfrentamento de uma problemática espacial: insuficiência dos equipamentos de consumo coletivo, problemas habitacionais, segregação sócio-espacial, intervenções urbanísticas autoritárias, centralização da gestão territorial e deterioração da qualidade de vida urbana. Essa riqueza de vínculos e as soluções necessárias à *sobrevivência cotidiana* traz consigo desdobramentos. Especialmente se o referimos ao contexto de uma cidade do sistema capitalista, como o Rio de Janeiro, se torna necessário examinar suas especificidades, limitações e potencialidades.

Segadas Soares escreve sobre as diferentes concepções de bairro na geografia urbana clássica. Partindo da noção popular *dada a priori* ao pesquisador: a natureza da individualidade da *alma singular* de um determinado bairro, enfatizando a relação do meio físico (sítio) com a evolução da ocupação humana; descrições e considerações funcionais (funções internas do bairro e seu papel na cidade) para a administração pública; ações de estruturação e desestruturação de bairros para os urbanistas.¹³

A contribuição para o estudo do espaço físico e quantitativo do bairro perde quando sua historicidade não é vinculada ou desconsiderada. É, a mesma autora que esclarece:

*Cada bairro é uma resultante de forças do passado e de fatores do presente, mas, em todos eles, já se esboçam alguns traços do futuro.*¹⁴

O espaço sentido e vivido a partir das imagens mentais que os habitantes fazem de sua cidade e de suas diferentes partes componentes podem ter como referencial o *bairro*.

A individualização do bairro é feita com base em considerações funcionais, paisagísticas, históricas e a relação com a subjetividade afetiva e cultural de uma coletividade: esta percebe, sente e vive seu bairro.

O conceito de *área de estudo*¹⁵ permite, como método de trabalho, examinar o elemento qualitativo específico da cidade: momento particular do estudo da mesma e o conjunto destas observações dá lugar a uma autêntica e verdadeira ecologia urbana.¹⁶ O bairro torna-se uma experiência concreta, uma unidade morfológica, um fato social, é parte relativamente autônoma.¹⁷

Lynch distingue bairros *introvertidos*, *dobrados sobre si mesmos*, com *escassos referimentos à cidade circunstante* e *bairros isolados*, que surgem independentes da sua zona.¹⁸ O bairro pode ser visto como: 1) unidade de consumo com realidade coletiva fraca ou 2) como comunidade que possui acentuada consciência coletiva, segundo Raymond Ledrut.¹⁹ A destruição do segundo aspecto e a permanência do primeiro, argumenta o mesmo autor, carrega uma melancólica alternativa à desumanização da cidade que responde pela resistência daqueles que querem ser *donos* do seu cotidiano.

Henri Lefebvre, valorizando a cultura e a subjetividade, endossa e alimenta a segunda perspectiva no *Barrio y vida de barrio*²⁰ com uma *ideologia de bairro* que embora decadente, diz ele, não perdeu sua influência sobre o mesmo: a) o bairro não é um detalhe acidental, um aspecto secundário e contingente da realidade urbana e sim, sua essência; b) seus moradores se deixam levar por seu coração e sua memória, não aceitando se submeter simplesmente à vida urbana; c) o bairro é o ambiente natural da vida social e da unidade social, isto é, um módulo social ou sociológico, verificável e ratificável dentro de uma unidade de juízos científicos e éticos, de conhecimentos e de humanismo.

Destes itens, o bairro ganha *coerência e existência* se temos, na cidade, o processo para estabelecer seus limites: a cidade como *totalidade* e como *suporte metodológico* e teórico. Esclarece Lefebvre que, no bairro, não se formam nem se instituem os papéis sociais, as condutas ou comportamentos, nem sequer a proclamação de valores dominantes. Quando muito podemos relacionar a sociabilidade espontânea e encontrar, em determinadas circunstâncias, as causas de uma efervescência. Por isso o bairro tem seus limites nas relações imediatas diretas, interpessoais, dependentes da psicosociologia, desenvolvendo-se à sombra das instituições sob modelos não institucionais adaptados por ele.

O bairro é uma forma de organização concreta do espaço e do tempo na cidade: mais conjuntural que estrutural. Ele se apresenta como uma mínima diferença entre os espaços sociais múltiplos e diversificados, ordenados pelas instituições e os centros ativos, isto é, a porta de entrada e de saída entre espaços qualificados e espaços quantificados, usuários e funções urbanas. Henri Lefebvre defende as nuances, as matizes possíveis do bairro dentro da cidade: 1) o peso da história que assegura certa sobrevivência a alguns; 2) unidade sociológica relativa e subordinada à realidade social, mas necessária: sem bairros, como sem ruas, pode haver aglomeração, mas não haverá cidade, pois o espaço e tempo social deixam de ser orgânicos e organizados; 3) ele é o microcosmo de um pedestre que recorre a um espaço, em um tempo determinado sem ter necessidade de tomar um carro.²¹ O mesmo autor destaca a tipologia dos bairros como os que *se mantêm*, os que *se consolidam* ou os que *desaparecem* de acordo com o elenco e a comparação dos equipamentos que possuem

e o estudo das imbricações e relações internas e externas entre os bairros que os rodeiam.

O bairro corresponde a uma certa parcela da cidade que, por força de relações sociais, constitui para o indivíduo um espaço *vivido e sentido*. Nele se encontra a casa, talvez se tenha nascido, existam seus amigos, a praça, as lembranças. É certo que um fragmento urbano, por mais que encerre unicidade de composição material e social, se não desperta o menor afeto, a menor empatia²² ou simplesmente o referencial para o dia-a-dia, não pode ser considerado um bairro.

O bairro onde se mora permanece quase sempre sendo o *lugar*²³ mais intensamente vivenciado. A vivência do e o apego ao bairro consiste nas imagens mentais que se aproximam e superpõem para permitir a comunicação de um referencial e de uma afetividade. As pessoas, inconscientemente ou conscientemente, sempre *demarcam* seus bairros a partir de marcos referenciais que elas, e certamente, outras antes delas, fizeram produzindo uma herança simbólica.

Entende-se que

(...) qualquer bairro é simultaneamente uma realidade objetiva e subjetiva/ intersubjetiva e estas duas dimensões interpenetram-se e condicionam-se uma à outra ao longo do processo histórico.²⁴

É importante ressaltar que este processo *objetividade, subjetividade e intersubjetividade* não é mecânico, pois registra descompassos e movimentos próprios da sua historicidade. Manuel Castells alerta: *não se descobrem bairros como se vê um rio*.²⁵

Para concluir a metodologia do bairro aproveitamos a etimologia da palavra que leva a *barri*, *bar* em árabe vulgar, sendo utilizada em português e catalão, que quer dizer campo, terra e fazemos uma referência a Raymond Williams²⁶:

O campo passou a ser associado a uma forma natural de vida-de-paz, inocência e virtudes simples. À cidade associou-se a idéia de centro de realizações, de saber, comunicações, luz (...) a cidade como lugar do barulho, mundanidade e ambição, o campo como lugar de atraso, ignorância e limitação. A realidade histórica, porém, é surpreendentemente variada. (...) entre os extremos de campo e cidade existe uma ampla gama de concentrações humanas (...) com grande diversificação.

IRAJÁ: SEU IMAGINÁRIO PRESENTE.

Desde a criação da Freguesia, confirmada por Alvará em 10/02/1647,²⁷ suprimindo o centro urbano com produtos agrícolas, até o surgimento de núcleos populacionais junto ao traçado das citadas avenidas, com casas de pau-a-pique e grandes fazendas loteadas por volta de 1890, estando inseridas no movimento modernizador dos transportes para ampliar a feição da grande cidade do Rio de Janeiro.

*Os lotes vendidos são sempre de áreas arruadas e fazem parte de um conjunto de outros lotes caracterizando um processo de constituição de uma malha urbana. Encontramos desde loteamentos com 10, 20 lotes até loteamentos com mais de 200 lotes.*²⁸

A suburbanização se deu através de quatro eixos ferroviários²⁹ em momentos e ritmos diferenciados, de forma descontínua no espaço, consolidando-se na década de 30 do século XX e ampliando a ocupação nas décadas posteriores.

Esta descrição histórica pretende fazer a referência com o imaginário daqueles que vivenciam o bairro. Sandra Pesavento³⁰ escreve que este imaginário social aparece como algo fantasioso, inventado, não sério, não científico, ao ser considerado pelo *senso comum*. O imaginário social permite a história-encruzilhada por designar os resíduos da análise histórica, sua imprevisibilidade. Ele trabalha sobre a linguagem e, é sempre representação³¹ que precisa de interpretação: expressão do pensamento que se manifesta por imagens e discursos que pretendem dar uma definição da realidade.³² As coisas ditas, pensadas e expressas têm um sentido além daquele manifesto. O imaginário enuncia, reporta e evoca outra coisa não explícita e não presente. O valor da cotidianidade no imaginário social é valorizado por Henri Lefebvre:

Riqueza de la cotidianidad: en ella se esbozan las más auténticas creaciones, los estilos y formas de vida que enlazan los gestos y palabras corrientes con la cultura. En ella se opera la renovación incesante de los hombres: el nacimiento y formación de los hijos, el empuje de las generaciones. Un arte, una imagen, un mito que no entren en la cotidianidad (en 'lo vivido') permanecen abstractos o mueren. A la inversa, los más profundos deseos y las aspiraciones más válidas se arraigan y

*permanecen en ella.*³³

*«Constituyen la trama en que se teje la cotidianidad, trama en la cual ésta tiende bordados y ornamentos irradiantes u opacos, nuevos o pasados de moda. Reticulos y filamentos vinculan a distancia a los pequeños grupos, en apariencia cerrados o afectados a un territorio: familias, pueblos, barrios de las ciudades (...).*³⁴

PESQUISA POR AMOSTRAGEM SOBRE IRAJÁ.

O questionário³⁵ foi elaborado para chegar à visão do bairro a partir da vivência pessoal dos moradores, entre aqueles que moram há mais de quinze anos. Os pesquisados moram próximos à Região Administrativa, considerado o *centro de Irajá* pela proximidade com a burocracia oficial do bairro. Passo agora o resumo descritivo da amostragem feita.

D. Elvira do Nascimento, com 93 anos em fevereiro de 1996, é tranqüila nos seus 66 anos de Irajá. Veio de Angustura (MG) com os pais em 1913 para morar em Vaz Lobo, onde conserva uma propriedade até hoje (é interessante assinalar que Vaz Lobo é contíguo à área pesquisada, logo ela está no *lugar* há 83 anos...). O pai comprou terreno e construiu a casa. Com 12 anos já trabalhava como pespontadeira de calçados próximo à sua casa. Foi costureira, *vestindo muita gente boa de Irajá e fazendo muito vestido de noiva*. Em 1920, fez seu próprio vestido para se casar. Este é um acontecimento que marcou sua vida, pois conseguiu juntar o dinheiro necessário para andar no bonde puxado a burro, que pertencera a D. Pedro II e que era utilizado, todo enfeitado com flores e forrado com tapete de veludo vermelho, em ocasiões especiais como casamento e batizado. Sua grande tristeza foi não ter conseguido fotografar porque era muito caro. Optou pela *felicidade do trajeto até a igreja N.S. da Apresentação de Irajá acompanhada de pequena multidão pendurada no estribo do bonde*. Seu casamento foi um acontecimento histórico no bairro: os vizinhos enfeitaram a rua com bambus para suporte das lanternas com velas, pois não havia luz elétrica nas ruas, *assim tudo ficou iluminado*. Apesar da festa e da lembrança, ficou viúva apenas um ano depois. Tinha 18 anos. Afirma achar Irajá um *ótimo bairro*, pois *sempre foi feliz nele*. Casou-se novamente em 1930 e seu marido era oficial da marinha, o que permitia que ela viajasse

muito pelo Brasil: conhece muitos estados como Rio Grande do Sul, Alagoas, Santa Catarina e outros, mas gosta muito daqui e não mudaria a não ser por necessidade da idade e da casa muito grande que guarda sozinha. Pensa em morar agora no Solar de Idosos em Vila Isabel. Lembra que antes era tudo muito diferente, pois, havia respeito entre jovens e mais idosos e hoje não se vê isto no bairro. Sobre o progresso não pode falar mal porque tudo está evoluído, bonito. Há tempo para a evolução e a gente precisa acompanhar. Acrescenta D. Elvira que tudo era muito difícil: uma só padaria (Flor do Irajá) e um só armazém (Vale Tudo do Sr. Militão) já demolidos pelo pré-metrô, um grande tanque d'água próximo à estação de ferro Rio d'Ouro para os cavalos matarem a sede; acompanhar enterro era carregando o defunto nas costas de Madureira até Irajá, pois só os mais ricos tinham dinheiro para pagar o carro fúnebre, por isso os acompanhantes levavam banquinhos que descansavam e revezavam no peso; não havia apartamentos, eram casas construídas sobre lotes comprados a prazo (ela comprou dois lotes e pode fazer uma casa maior que o costume) o estilo era chamado de barracão (quarto, sala, cozinha, banheiro, com fachada uniforme e chão de cimento), a dela era, tinha frente diferente e dois quartos; o leiteiro, o padeiro vinham em carrocinhas de boi ou a cavalo de porta em porta, com caderneta de anotar o fiado para o final do mês. Seu marido era negro, mas lutou muito para vencer na marinha. Era muito inteligente mas ela se diz testemunha das dificuldades do racismo que enfrentou para alcançar o posto através do seu mérito. Gosta do jeito do presidente (Fernando) agora dizer que vai mudar isto. A vizinhança lembra com saudades dos que já se foram, mas muitos que viu nascer e fez o parto (era auxiliar da parteira quando necessário) estão com famílias, agora com outras gerações. Da sua época, a grande parte já faleceu. O bairro mudou para melhor, pela sabedoria do homem. Só não concorda que a melhoria suplante a vida: a violência antigamente não existia. É o instinto das pessoas que provocam barbarismos. D. Elvira teve quatro irmãos e uma irmã que está viva, não teve filhos, mas é cercada de sobrinhos, parentes e muitos amigos no bairro. Para a melhoria do bairro só pensa, em uma delegacia que ele não possui, para tentar dar maior segurança. Ficou no bairro porque gosta dele, mas a casa própria é o maior valor que se tem, tenho um barracão, mas sou rei, ter uma casa é muito importante. Pensa

naquela época que pobre era pobre de maré de si, não é como hoje. O Rio de Janeiro, para D. Elvira, é uma cidade maravilhosa, a primeira cidade do Brasil, muito bonita com tudo no modernismo, mas não tem nada a ver com o bairro.³⁶

Sr. Agostinho Rodrigues, nasceu em 1935 e mora no bairro há 57 anos, sendo o editor de *Navegando nas Poesias. Meu Irajá* que escreve desde 1987 e idealizador da AILA, Academia Irajense de Letras e Artes. Ao descrever Irajá, ele diz ser a mãe de vários bairros, que depois de velha pariu Vista Alegre, que nem mesmo registrado é. É bairro de fato, mas não de direito. Teve sua época de glória com seu portículo (Porto de Irajá) responsável pelo abastecimento do Rio de Janeiro e que possuía muito pau-brasil. Dele guarda amizades, havia campo de lazer embora com ruas de vala e que era diferente com galinhas, porcos, carroças de boi, ruas de barro, frutas à vontade (que a poluição acabou), brincadeiras de roda, de rua; não havia violência, conversava-se à vontade até altas horas da noite, jogava-se botão e peteca. Tudo na rua. Brigas eram na mão com cumprimentos ao final entre vencedores e perdedores. No bairro muita coisa mudou, especialmente a parte urbanística a partir da década de 60, asfaltamento, iluminação e outros. O progresso foi grande, mas traz sempre problemas, como por exemplo, o ônibus que passa na minha porta e eu não gosto, mas não se pode lutar contra ele. A vizinhança no passado era muito diferente, pois havia mais respeito dos mais jovens em relação aos mais velhos e vice-versa. Havia mais sonho (plena certeza da criança no papai noel, por exemplo), existência ecológica mesmo com vala, não havia problemas de tifo, de doenças. Hoje em dia, a TV acabou com tabus tradicionais e cada um se preocupa consigo e não há mais o elo com o vizinho. Só em caso de emergência. O passado é passado. Para melhorar o bairro faria mais praças públicas. As pessoas significativas para o bairro são

(...) todas as que lutaram e procuraram melhorar o bairro direta ou indiretamente. Não só políticos, mas comerciantes e moradores, inclusive jovens.

A casa própria é o sonho maior de um ser humano, a pior coisa que existe é pagar um aluguel que não terá valor, pois o proprietário quer viver às custas dele e não melhorar o imóvel. A casa é o cantinho sagrado. O sonho mais alto. Os três filhos que tem, não querem

sair de Irajá, pois são conhecidos e o lugar é sossegado, central, com acesso a tudo. Sr. Agostinho não atribui pontos negativos ao bairro: temos água, luz, esgoto(...) Mas o planejamento inicial não foi bem feito, especialmente com o metrô, que destruiu muito de Irajá. O Rio de Janeiro tem vida completamente diferente, porque apesar de ter área industrial, o sentimento humano é de comunidade. O Rio de Janeiro é o símbolo do Brasil. Cada bairro tinha que ter um grupo de representantes (sem remuneração) para estimular o conhecimento dos bairros cariocas. (como um turismo que divulgasse esses locais). Sr. Agostinho é funcionário público aposentado e advogado, sem nunca ter exercido esta profissão.

A Sra. Maria da Penha Brandão tem 71 anos e há 20 anos está em Irajá. Nasceu em Colatina (ES). Não vê nenhum aspecto positivo no bairro e entre os negativos destaca assaltos, falta de transporte para o centro da cidade e falta de comércio. Não acha nada mudado no bairro desde que veio para cá. Pensa que se pudesse melhorá-lo colocaria mais policiamento e mais supermercado. A vizinhança considera muito boa e não vê diferença entre passado e presente. Destaca os administradores do bairro que são significativos para fazerem melhorias no mesmo. A casa própria é a tranquilidade maior de não pagar aluguel e só permaneceu no bairro, porque a sua foi comprada nele. Diz que lazer não existia antes e que hoje considera bom. Seus filhos mudariam se pudessem para um bairro melhor. Não vê nenhuma relação entre cidade e o bairro e considera o Rio de Janeiro a cidade maravilhosa, mas violenta demais.

D. Elza do Rosário tem 81 anos de idade e 43 anos de Irajá, com dois anos construindo a casa que mora. Seu marido e ela escolheram o terreno e compraram um lote de dezoito metros por vinte e três metros. Lembra que a rua Siracusa, onde mora, se chamava rua Iaci (em homenagem ao antigo fazendeiro Iaci Maia) e o nome foi modificado sem consulta aos moradores. Ela gostava mais de Iaci, pois era mais fácil e simples. Há pouco tempo, ainda recebia impostos com Rua Siracusa, antiga Iaci. Veio de Sergipe já casada, com 18 anos, com um oficial de marinha. Era professora no seu estado, porém nunca exerceu aqui. Morou em Madureira para depois comprar sua casa. Afirma que o bairro já foi pior, com bondes puxados a burro. Tudo aqui era uma grande fazenda que foi loteada. A família Maia e a

família Zangrando eram muito ricas e influentes. O loteamento foi controlado pela Caixa Econômica, que fez as casas uniformes financiando o terreno e a construção. Havia mato puro na rua e sua casa era a última construção. Uma das casas era a torre de comunicação da Rádio Mayrink Veiga. Destaca a atuação do deputado estadual Pedro Fernandes, morador do bairro e político correto na região; Sua casa tinha um jardim especial que foi até fotografado para uma pesquisa, mas a promessa de receber a foto não foi cumprida. O único terreno baldio na rua pertenceu a uma clínica, mas acabou sendo abandonado. Lembra que a feira começava aqui e que a prefeitura era no botequim atual, na esquina da Avenida Monsenhor Félix, com um desvio de bonde elétrico, onde hoje é a Chopperia Tropical. Sobre as mudanças no bairro destaca como melhor obra a de Roberto Cid, que atende a comunidade toda de Irajá e adjacências. Não havia posto de Saúde que foi conquista dos moradores com Pedro Fernandes, luz na rua, calçamento de ruas, também. Entre os pontos negativos alega serem as enchentes do Rio Acari, prejudicando a comunidade mas, parte da culpa, é do prefeito. Nossas ruas são boas, calçadas, a saída do Metrô de Irajá também será outra melhoria; No passado, era mais pobreza, atualmente houve uma melhoria muito grande. Quando veio para cá, Irajá não era nada, muito mato, muito sítio. Hoje até a favela bom Menino já está com construções de dois andares, antes eram barracões de papelão e de madeira. Tudo está melhor. Não tem o que dizer de negativo da vizinhança, pois quase são os mesmos moradores de quando chegou à rua. Tem muitos amigos, grandes amigos, especialmente D. Henriqueta, que veio antes de D. Elza para cá. É uma comunidade, são vizinhos antigos; Sobre a casa própria defende que seria de grande eficácia a construção de casas populares que permite não ter problemas com moradia. Lembra de Dra. Alda, antiga moradora, médica conhecida no local e muito simples que costumava dizer: quando entro na Rua Siracusa, pareço estar em Santa Tereza. D. Elza conta, com emoção, a perda da única filha com 24 anos (1951) por gravidez tubária que nunca havia escutado falar. Ficou com seu neto de 4 anos que é seu filho e criou mais quatro, uma filha de criação (Marise). Faz menção especial a seu irmão Deodato Dias, que foi Delegado Fiscal, Administrador Regional e conheceu muito do bairro e fez muito pelo mesmo. Irajá nada tinha, hoje tem bancos,

comércio. Mas não se compara nem com Madureira, que dirá com a cidade do Rio de Janeiro. Porém, não se mudaria *por nada nesse mundo*. Daqui só vai para *outra casa que já está construída*, o cemitério de Irajá junto à sua filha e ao seu querido marido (há quatro anos falecido). O que procura é passear na sua casa em São Pedro d'Aldeia, onde passa algum tempo toda vez que pode. Sobre a cidade: *é a mais bonita do mundo, não se pode dizer nada ao contrário*. Os prefeitos, é que, *atrapalham a cidade*. O Rio de Janeiro não é o de 63 anos atrás. *O cais do porto era terrível. A vontade que deu, ao chegar, foi de voltar na mesma hora*.

D. Henriqueta Costa nasceu em 1920 e desde 1949 está em Irajá. Era costureira, mas *hoje não quer saber de compromisso e não precisa*. Seu filho mora na Zona Sul, mas vive em Irajá *quase sempre*. O grande problema que tem é a distância do centro da cidade e o tempo e energia que se consome vivendo aqui e trabalhando na cidade. Se não fosse isso, seu filho gostaria de morar aqui. Vê todos os pontos positivos do bairro, pois da forma que alcançou não há comparação. Tudo é melhor. Não vê relação alguma do bairro com a cidade e esta é *muito boa embora muito violenta mas, também, é a mesma coisa em toda parte*. A casa própria é muito importante e não influenciou para que permanecesse, pois já saiu daqui e acabou retomando. Não é a mesma coisa morar em apartamento. *Gosta da sua casa*.

D. Wani Godinho Diniz Lopes nasceu em 1940, na cidade de Lins em SP, ainda trabalha no departamento pessoal de um escritório de contabilidade. Mora aqui desde 1957 (há 39 anos). Define o local como um *bairro grande parado no tempo*. Seus pontos positivos são transporte para todo o Rio de Janeiro, não há falta de água e luz. Acredita que entre os negativos estão:

(...) o comércio muito pobre, com poucas lojas, não temos um bom supermercado, não temos cinema e apesar de ser um bairro bem antigo não temos um shopping.

As mudanças foram várias: ruas foram asfaltadas, criaram muitas linhas de ônibus, tiraram o bonde que passava *em cima da calçada*, o que ocasionou várias mortes, passamos a ter luz a mercúrio, telefone, sinais de trânsito, diversas escolas, restaurantes e temos até comida a quilo. O bairro melhorou muito, apesar de continuar com diversos problemas. Para a melhoria criaria um

shopping. A vizinhança sempre foi boa, tanto os que moram *o mesmo tempo que eu, quanto os novos*. As pessoas significativas são as que mais ajudaram a Irajá: deputado Geraldo Araújo e o deputado Pedro Fernandes. Atualmente, Rosa Fernandes e Roberto Cid também.

Lutaram pelo progresso do bairro e a Rosa tem um escritório, onde atende as pessoas carentes e o Roberto Cid tem um centro médico que atende e dá remédio aos necessitados.

Sobre a casa própria: *nos proporciona segurança, nos livra do aluguel e dá tranquilidade para o fim da vida. Isto influenciou na sua permanência no bairro.*

Nosso lazer é pouco, pois só temos o Irajá Atlético Clube, que reúne as pessoas aos domingos e em dias de baile. Tem piscina e isso atrai muitos sócios. No passado, era uma quadra sem cobertura, onde as pessoas brincavam o carnaval.

Seus filhos nasceram aqui (são dois) e só a filha mora em Irajá, mas pretende mudar para a Tijuca, pois lá o marido trabalha e a filha estuda. Não vê *nenhuma* relação com a cidade, pois *Irajá é um bairro sem nenhuma atração especial*. A cidade do Rio de Janeiro, atualmente, tem vários problemas *há insegurança total, mas os que moram aqui, não querem deixá-la por dinheiro nenhum, pois para todos ela sempre será a cidade maravilhosa*.

Sr. Virgílio dos Santos Junior nasceu em 1928, é aposentado e possui um posto de gasolina (hoje arrendado) onde, desde 1953, se ligou ao bairro. Este é considerado por ele *muito bom, sempre maravilhoso, porque agradece o que tem como fruto do seu trabalho no bairro, inclusive os amigos que fez. Tudo é bom, apenas ressalva as favelas (embora não tenha nada contra) e a má organização da administração do bairro*. Antes havia bondes, lotações, se ficava até tarde na rua, no posto de gasolina a noite toda, os assaltos que surgiram não eram de moradores do bairro depois da década de 70-80. *Agora não há mais sossego*. Para melhoria do bairro faria um viaduto de um lado para outro do Metrô, que já é projeto antigo, evitando a passagem pela linha do metrô. A vizinhança considera *sensacional nesta rua, é um condomínio, pois existe muitos amigos, uma comunidade*. A casa própria é a *vida, influenciou à permanência no bairro, porque construiu sua casa e se acostumou*. As pessoas significativas são o deputado Pedro

Fernandes, que *tudo fez pelo bairro* e Adriano de Almeida (*Rei do Frango*), que colaborava com o bairro patrocinando atividades; o Zé do Botequim que ficou conhecido assim antes do restaurante *Rosa do Brasil* (falecido em assalto no restaurante). Lazer no bairro *não existe*. Só o Irajá Atlético Clube com *altos e baixos*, de acordo com diretoria, a modernidade e a antiguidade se juntavam no clube, havia amizade entre os sócios mas hoje não frequentam mais. Tem cinco filhos e uma mora com ele, mas todos gostam de Irajá, foram criados nele. A relação entre a cidade e o bairro é que *este é a cidade em miniatura, em tranqüilidade. Queiramos ou não, ele é tranqüilo. Quanto à cidade não existe no mundo outra igual, só Rio de Janeiro. Desde a capital da República até hoje, por todos os motivos.*

D. Carolina dos Santos Cardoso, nascida em 1931 no RJ, funcionária pública por 30 anos no primeiro emprego, mora no bairro desde 29 de junho de 1959, lembra com precisão. *Por ser uma pessoa muito conformada, acha ótimo, pois foi onde conseguiu morar no mundo. Tudo de positivo ele tem e os negativos são culpa da administração, no Rio de Janeiro todo. De quando veio para cá, mudou muito, mas não existe rua melhor do que a minha. Não creio em reencarnação, mas se houver, quero reencarnar na mesma rua. Para melhorar o bairro agiria com honestidade. O Metrô é um exemplo maior dessa falta de honestidade. Da vizinhança não tem queixa de ninguém. Costuma dizer que tem três famílias: a de sangue, a do trabalho, a vizinhança da rua. A pessoa destacada é o professor Deodato Dias como político e como pessoa. Ajudou muito ao bairro. A casa própria é uma garantia do caracol, que nunca está ao relento. Mantendo em dia os pagamentos, na hora do sufoco se tem segurança.*

O lazer do bairro é muito prejudicado, especialmente das crianças, que não têm área de lazer e não podem brincar na rua também, porque há aqueles que esqueceram que foram crianças.

D. Carolina declara ser conhecida como *Vovó Lina* (aproveita para chamar um menino que confirma sem saber o motivo...), pois não corta as bolas de futebol e devolve assim que pode. Sua filha nasceu no bairro, no dia 27 de agosto, que por coincidência é o nome de uma praça em Irajá, onde D. Carolina, no passado, passeava para namorar. Sente muita falta das

festas caipiras organizadas pelos moradores. Mesas nas calçadas, pratos típicos, feitos por cada morador, eram animadíssimas. Não mudaria do bairro a não ser para construir uma casa no interior, se tivesse dinheiro, onde todos dão *bom dia, boa noite* (às vezes precisa pingar colírio nos olhos...), dão benção, há pureza, lugar onde se fala errado, mas gente simples e sossegada.

Sr. Ronaldo Garcia nasceu em 1937, é advogado e está há 58 anos no bairro (esta é a quinta casa no mesmo bairro). Diz que

Brizola acabou com o bairro, já que Irajá representou o quinto ou sexto (não recorda com precisão...) lugar em arrecadação de impostos. O progresso foi impedido, pois era considerado o bairro do futuro...

Veio a desapropriação e favelas (não me fazem mal nenhum...) ocuparam terrenos não aproveitados. Como positivo cita a paz e o clima fresco, enquanto diz que não é melhor por estar abandonado. O bairro mudou muito desde que chegou e se pudesse faria mais pelo setor da saúde no mesmo. Lembra do pai como pessoa significativa para Irajá porque era industrial, Fundação Suburbana, que fez muita obra para o governo Lacerda e cita Sr. Caputo, dono de uma papelaria, que muito colaborou para o bairro. A casa própria é muito importante, mas acredita que não teria ficado no bairro se não fosse isto. A administração atual (Região Administrativa) tem procurado melhorar o lugar. Não existe lazer no bairro, porém

(...) já existiram nove campos de futebol que deram muitos craques de seleção brasileira, como o Carlos Alberto Torres. Eu gostava de uma bola...

Hoje foram ocupados por espigões. Dos três filhos que possui, dois estão em outros estados do Brasil e uma mora com ele. Mas *nem pensam em falar em Irajá...* O bairro tem muito a ver com o Rio de Janeiro, pois moravam fazendeiros que foram loteando. Sua mãe contava sobre as festas da Penha e a riqueza das charretes enfeitadas. A cidade, em si, está sem segurança, estudo precário e sem serviço de saúde, mas mantém a alegria do carioca. O governo deveria esquecer a zona sul e lembrar um pouco do subúrbio em geral e, também, de Irajá.

Sr. Nicola Paradiso nasceu em 1936, é italiano de Lucania (sul da Calábria), veio sozinho para se estabelecer como sapateiro,

que sempre foi sua profissão. Neste bairro está há 38 anos (ficou apenas seis meses em Madureira). O bairro era muito bom, mas *estragaram Irajá*. Tinha tudo para progredir, mas não aconteceu... A obra do metrô que *destruiu tudo* e não se construiu no lugar... Deu origem à favela (que não me faz nenhum mal...). Mudou muito desde quando chegou, mas não progrediu como poderia, como por exemplo, Vista Alegre que é novo, muito mais que Irajá, e é próspero. Quem se estabeleceu lá *está muito bem*. No bairro é *cada um por si*, não há pessoas envolvidas com a melhoria dele.

Estou aqui porque não tenho mais para onde ir, sempre fiquei porque não pude progredir. Até a década de 70, ainda havia esperança, agora...

Tenho quatro filhos nascidos aqui, mas não falam nada sobre ele. Não vê qualquer relação com a cidade e esta é como o Brasil: um país muito bom, mas tem certas coisas que estão destruindo tudo. No Brasil, o melhor lugar é o Rio de Janeiro e São Paulo, embora não haja segurança nenhuma. Antes não existia tanta maldade como há hoje. O ladrão não tinha tanta violência, agora é cada vez pior e a própria divulgação estimula a violência. Se pudesse, ia embora, pois não consigo progredir, mesmo do Rio de Janeiro.

Sr. Niuton da Silva Ramos nasceu em 1936, no Rio de Janeiro, é aposentado da Petrobrás como assistente administrativo. Mora no bairro há 40 anos. Descreve-o com vários problemas como comércio, falta de supermercado e policiamento. Como pontos positivos, cita a água farta e o conforto grande que tem na sua casa. O atendimento médico é bom no bairro, o clube é muito bom. Quase ficou conhecido como Bairro Maia, família influente, com muitas terras aqui. Mudou muito desde que chegou, especialmente, as construções de prédios que representou o desenvolvimento do bairro. Os vizinhos quase não mudaram, são antigos e não há *queixa de nada*. As pessoas que destaca para o bairro são o governo e os vizinhos que são bons. A casa própria tem muita importância por não pagar aluguel, mas não concorda com impostos abusivos e que deviam ser investidos em melhorias na própria casa. Tem dois filhos que nasceram aqui, mas pensa em mudar para Jacarepaguá por causa do clima e do comércio. Não pode sair agora, mas pensa em mudar do bairro. O bairro só é comentado no rádio ou em função do metrô (o radialista pergunta se fica

onde o *judas perdeu as botas*). Fora isso, *ninguém* lembra de Irajá na cidade do Rio de Janeiro. Quanto a esta em si é o *centro* somente, *lá pra cima*, cheia de privilégios, sem necessidade. Os bairros são muito esquecidos.

CONCLUSÃO

Analisando os depoimentos relatados, vemos que a atribuição de um significado ao bairro, a formação de uma imagem mental forte, a construção da identidade do mesmo no imaginário do morador, a própria *bairrofilia* (ver nota 22) dependem de fatores por conta da situação de classe social, faixa etária, ocupação, valores a eles associados, trajetória de vida. Por tudo isto, esta sensação especial de familiaridade e de intimidade com o bairro onde se mora não se reproduz com a mesma intensidade: para uns representa a casa, a rua onde nasceu, brincou, tem passagens carregadas de simbolismo; para outros significa um espaço valorizado, um *lugar* específico, onde possuem imóveis que permitem o conforto e a sobrevivência. Entre a *bairrofilia* e a plena indiferença são muitas as possibilidades encontradas: a carga referencial do *meu bairro* e *outros bairros* se traduz na crítica ou no elogio. É a bagagem experiencial que coloca o bairro onde se mora como o espaço mais intensamente vivido, embora com graduações variáveis: morador antigo-recente, proletário-burguês, primeira geração-descendente, progresso-decadência, esperança-indiferença, sendo valorações com nuances vinculadas ao enraizamento local.

São pessoas que vêem seu imaginário social se aproximar e se superpor a outros, a ponto de possibilitar a comunicação como afetividade: a) não há definições precisas, claras, inquestionáveis sobre o bairro, mesmo porque não é preocupação para elas, podendo variar de pessoa para pessoa chegando mesmo a contraposições ou, contradições; b) inconscientemente ou conscientemente sempre *demarcam* seus bairros (outros bairros são passagem, deslocamento, lazer esporádico etc) a partir de pontos referenciais que misturam aspectos pessoais e coletivos. É a rua que se transforma em casa, é o bairro que se transforma em rua.

Irajá permite que seus moradores sejam *donos do seu cotidiano*, especialmente daqueles que viveram épocas mais difíceis e viram que *era muito pior*, a melancolia de ter feito o "melhor" para as novas gerações.

Observamos o referencial da *bairrofilia*

de diferentes intensidades, porém muito presente nos moradores mais antigos, que possuem representações simbólicas carregadas de afetividade e energia dispendida. D. Elvira, D. Elza, Sr. Agostinho, Sr. Nicola, Sr. Virgílio vêm, no bairro, a extensão de suas vidas íntimas, é o ponto de chegada positivo para uns, negativo para outros.

O progresso é tema envolvente para todos, ainda mais para quem sobrevive materialmente dos recursos locais. Sr. Nicola identifica-o como sua perspectiva frustrada de 40 anos atrás, uma previsão *estragada* como afirma. É o lado pessoal íntimo, diluído na representação da realidade. Esse progresso do *bairro do futuro* denunciado por Sr. Ronaldo, que desencanta e revela o *bairro grande parado no tempo* de D. Wani, muitas vezes traduzido como projeto de vida.

Nesta área de estudo vemos muito da troca simbólica, do pertencimento para superação dos problemas objetivos, mas suavizados pela solidariedade do local imediato; de tentativas de regulações e resoluções das contradições sociais próximas; de ocupação do espaço vazio deixado pelas autoridades competentes que precisam de resposta imediata.

Concluimos com as três hipóteses sugeridas no trabalho: a cidade, o bairro e o imaginário social:

*A cidade é de per si depositária da história (...) e da imaginação coletiva como obra, locus da memória coletiva.*³⁷

E o bairro, é o fragmento autônomo, embora inseparável, da cidade, porque:

*El hombre moderno habita como poeta (...) su habitar es un poco su obra. El espacio de que dispone para organizarlo según sus tendencias y según sus ritmos guarda cierta plasticidad: léase pasiones y resurgimientos de esperanzas ilimitadas.*³⁸

Para buscarmos em Walter Benjamin esta relação:

*...o narrador conta o que ele extrai da experiência - sua própria ou aquela contada por todos. E, de volta, ele a torna experiência daqueles que ouvem a sua história. É a densidade da história pessoal ... que a voz do narrador conta e merece ser contado para refletir e compreender o agora a partir do outrora. É a reaparição do feito e do ido.*³⁹

NOTAS:

1 - Lúcrécia d'ALÉSSIO FERRARA. *Ver a Cidade. Cidade. Imagem. Leitura*. São Paulo: Nobel, 1988, p. 3.

2 - D. Elvira do Nascimento, com 93 anos tem depoimentos preciosos quando fala de 1920, data da chegada à Irajá. Ela está no bairro há 65 anos.

3 - Ecléa BOSI. *Memória da Cidade: lembranças paulistas*. In: *O Direito à Memória: Patrimônio Histórico e Cidadania*. São Paulo: DPH, 1992, p.145.

4 - Raquel ROLNIK. *O que é cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1994, pp 15-18.

5 - Richard MORSE, apud Maria Alice Rezende de CARVALHO. *Quatro Vezes Cidade*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1994, p. 24.

6 - Olgária C. F. MATOS. *A Cidade e o Tempo: Algumas Reflexões Sobre a Função Social das Lembranças*. In: *Espaço & Debates*, 1983, ano III, v. 7, pp 45-52.

7 - Angel RAMA. *A cidade das Letras*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985, p. 52.

8 - Aldo ROSSI. *A Arquitetura da Cidade*. Lisboa: Edições Cosmos, 1977, pp 23-24.

9 - ROSSI, op. cit., p. 26.

10 - D'ALÉSSIO FERRARA, op. cit., pp 11-13.

11 - ROSSI, op. cit., p. 80.

12 - Henri LEFEBVRE. *De lo Rural a lo Urbano: Historia, Ciencia, Sociedad*. Barcelona: Ediciones Península, 1978, p. 10.

13 - Lysia BERNARDES e Maria Therezinha de SEGADAS SOARES. *Rio de Janeiro. Cidade e Região*. In: *O conceito Geográfico de Bairro e Sua Exemplificação na Cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: SMC, 1995, pp. 105-120.

14 - Ibid., p. 106.

15 - ROSSI, op. cit., p. 78.

16 - Ibid., p. 82.

17 - Ibid., p. 83

18 - Apud, Rossi, p. 88.

19 - LEDRUT, apud, Marcelo José LOPES de SOUZA. *O Bairro Contemporâneo. Ensaio de Abordagem Política*. *Revista Brasileira Geográfica*. Rio de Janeiro: v. 51, n.º 2, abril-junho, 1989, p.147.

20 - LEFEBVRE, op. cit., pp 195-205.

21 - LEFEBVRE, op. cit., p. 201.

22 - EMPATIA como simples reconhecimento de uma identidade, com juízos de valor fraco e nebulosamente manifestados ou pode traduzir-se por simpatia ou antipatia (a primeira como afeição ao bairro, a *bairrofilia*, segundo Lopes de Souza, op. cit., p. 150.

23 - ROSSI, op. cit., pp 150-151. "Lugar que determina uma obra; no sentido da escolha 'daquele' lugar e da unidade indissolúvel que foi estabelecida entre o lugar e a obra." "fato singular determinado pelo espaço e pelo tempo, pela sua dimensão topográfica e pela sua forma, por ser sede de vicissitudes antigas e novas, pela sua memória" p. 143.

24 - Cornelius CASTORIADIS. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, apud , LOPES de SOUZA, op. cit., p. 149. -

25 - Manuel CASTELLS. *A Questão Urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983, p. 134.

26 - Raymond WILLIAMS. *O Campo e a Cidade (na História e na Literatura)*. São Paulo: Cia das Letras, 1990, pp 11-12.

27 - Noronha SANTOS. *As Freguesias do Rio Antigo*. Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1965, p. 80.

28 - Luiz Cesar de Queiroz RIBEIRO. *Diagnóstico da Estrutura Fundiária Urbana da Região Metropolitana do Rio de Janeiro*. UFRJ. IPPUR, v.2, 1987, p. 54.

29 - E.F.C.Brasil (1858), E.F.Rio D'Ouro (1883), E.F. do Norte (Leopoldina- 1886), E.F.

Melhoramentos (1893), *Ibid.*, p. 49.

30 - Sandra Jatahy PESAVENTO. *Em Busca de Uma Outra História: Imaginando o Imaginário*. *Revista Brasileira de História*, Representações. São Paulo: ANPUH, Contexto, v.15, n.º 29, 1995, p. 11.

31 - Tradução mental de uma realidade exterior percebida e ligada ao processo de abstração. Jacques Le GOFF. *L'Imaginaire Médiéval*, apud PESAVENTO, *Ibid.*, p. 15.

32 - *Idem*, pp 15-16.

33 - LEFEBVRE, op. cit., p. 86.

34 - LEFEBVRE, op. cit., p. 100.

35 - Amado Luiz CERVO e Pedro Alcino BERVIAN. *Metodologia Científica: para uso dos estudantes universitários*. São Paulo: Mc Graw-Hill, 1983, pp 58-61.

36 - Este depoimento foi transcrito primeiro pelo valor histórico e afetivo que nos envolveu, pois a lucidez de D. Elvira, nos seus 93 anos, encanta e emudece para deixar a experiência ser registrada. Foi gratificante ter conhecido esta testemunha e o seu tempo calmo, a-linear para ouvir do que vivenciou e presenciou.

37 - ROSSI, op. cit., pp 169,174.

38 - LEFEBVRE, op. cit., p. 164.

39 - Ecléa BOSI, *Memória e Sociedade. Lembranças de Velhos*. São Paulo: Cia das Letras , 1994, p.14.